

política

DNA aponta que esteticista pode ser filha de Brizola

Giselda Topper diz que gostaria de ter sobrenome para deixar ao neto

/ INVESTIGAÇÃO

O ex-governador e líder trabalhista Leonel Brizola, morto há 20 anos, poderá ganhar mais um capítulo na sua história. Isso, porque a esteticista ortomolecular gaúcha Giselda Topper divulgou recentemente um teste de DNA que apresenta 99,99% de certeza de que ela possui parentesco com o político. Especialistas apontam que isso comprovaria um vínculo de paternidade.

Giselda ingressou em 19 de agosto de 2005 com uma ação na 13ª Vara de Família do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, que tramitou em segredo de Justiça pela natureza do processo e assim permanece, mesmo depois de extinta. Na ocasião, foram realizados os exames com o sangue dela, de sua mãe e de João e Neusa Brizola, filhos do político. O filho José Vicente não participou. De acordo com o resultado, que saiu em 2008, Giselda é a mais nova e, agora, a única filha viva de Brizola.

“Probabilidade de 99,99% de certeza em favor do vínculo pro-

posto”, assinou, em 31 de janeiro de 2008, o biólogo Rodrigo Soares de Moura Neto. “Resultado que comprova a paternidade”, escreveu. O especialista é doutor em ciências e professor-adjunto de genética da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas não participou das audiências do processo. A jornalista, ele citou o laudo assinado por ele e disse que desconhece os outros testes de DNA nesse caso.

“O método mais eficiente é o exame feito diretamente com o suposto pai biológico. Quando não se tem o pai para verificar a possibilidade de vínculo, existe a probabilidade estatística de você não compartilhar material genético, mesmo sendo filho, isso se sabe desde o século 19. Mas, quando há amostras de dois ou três filhos do mesmo pai, aí se tem força estatística suficiente para obter um resultado conclusivo, que foi o que realizamos na Genealógica”, explica Rodrigo.

A clínica Genealógica, Diagnósticos Moleculares, no Rio de Janeiro, onde o teste foi realizado, é a mesma responsável pelos exames

de DNA dos irmãos de Ayrton Senna e uma suposta filha do piloto de corrida na década de 1990. Nesse caso, entretanto, a paternidade não foi comprovada, com o resultado sendo considerado inconclusivo. Um suposto laudo inconclusivo, segundo o biólogo, pode ter analisado o DNA só de um filho registrado e da requerente e chegado à conclusão que não conseguiu estabelecer vínculo.

Nos anos em que transcorreu o processo judicial, Giselda enfrentava problemas pessoais e teve pouco contato com o seu advogado, Gerardo Xavier Santiago, de outro estado. A seccional carioca da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) cancelou o registro de Santiago. Ele não foi localizado. Já a advogada Vanessa, que tentou recurso quando o processo foi extinto, está trabalhando para a Justiça, portanto, impedida de exercer a advocacia.

Giselda não tem cópia do processo, tampouco condições de requerer pessoalmente no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro acessos aos autos. “Gostaria de ver os



FLAVIA DE QUADROS/ARQUIVO/JC

Exame aponta 99,99% de chance sobre a paternidade de Leonel Brizola

supostos exames que deram o vínculo inconclusivo, mas não tenho condições de viajar ao Rio nem pagar advogado”, explica.

A advogada Tatiane Mandiã, especialista em direito de família e sucessões do escritório Buffara e Mandiã Associados, de Porto Alegre, explica que uma ação rescisória visando alterar a decisão de um processo que transitou em julgado só pode ser analisada por uma instância superior “se a requerente tiver uma nova prova capaz de lhe assegurar um pronunciamento favorável”.

Os três filhos conhecidos de Brizola até o momento são frutos do seu relacionamento com Neusa Goulart. A ex-companheira do líder trabalhista Marília Guilhermina Martins Pinheiro diz que Brizola nunca mencionou a existência de

uma filha fora do seu casamento com Neusa. No entanto, em seu livro de memórias “Minha Vida com Meu Pai, Leonel Brizola”, João Otávio registrou casos de traições do político que atormentavam Neusa e consolidavam a fama de mulherengo do pai. “Sempre soubemos que meu pai teve aventuras com outras mulheres. Os episódios de infidelidade dele foram motivo de brigas, às vezes, discutiam aos berros”, narrou.

Os netos que seguiram carreiras políticas, Juliana, Leonel e Brizola Neto, todos filhos de José Vicente, não deram resposta até a publicação desta reportagem. O texto foi publicado pela Agência Folhapress, com apuração do jornalista Cleber Dioni Tentardini, autor do livro O menino que se tornou Brizola.

‘Ele me segurou no colo e deu um relógio de presente’, afirma Giselda, hoje com 69 anos

A mãe de Giselda, Alma Topper, falecida em 2009, aos 77 anos, era de família descendente de alemães do Rio Grande do Sul. Ela tinha 21 anos quando começou a trabalhar para a família Brizola na capital gaúcha. O jovem trabalhista era secretário de Obras Públicas do governo Ernesto Dornelles (1951-1954).

A esteticista nasceu na Santa Casa de Misericórdia de Porto Ale-

gre, em 29 de novembro de 1954, nove dias depois de Neusa Maria, a terceira filha de Brizola. Giselda está com 69 anos.

Ainda bebê, Giselda foi levada para viver com um tio, no município gaúcho de Feliz. Depois, morou em Viamão e Porto Alegre. Aos 9 anos, foi encaminhada para o Internato Ana Jobim, em Viamão, onde permaneceu por um ano. Um tio

lhe contou, anos mais tarde, que foi transportada em um carro preto, com placa oficial.

Naquele ano de 1963, sua mãe, Alma, foi levada para o Rio de Janeiro. O líder trabalhista havia sido eleito deputado federal. “Foi um período muito difícil quando jovem, eu falava um dialeto alemão, não entendia quase nada de português. E fiquei sem contato com minha

mãe. Quando nos reencontramos, a paternidade era um assunto proibido”, diz.

“Fiquei sabendo que Brizola era meu pai por um descuido do meu tio, irmão dela. Mais tarde, eu entendi que ela fez de tudo para me proteger de toda a situação. Somente mais tarde, ela comentou sobre uma foto. Disse que Brizola me segurou no colo e deu um relógio de

presente de aniversário.” E completa: “Neste momento em que todos os envolvidos já se foram, só fiquei eu e a consequência. E o meu teste de DNA. Lembro-me até hoje do dia em que a Neusinha olhou para mim na frente do tribunal e disse: ‘Você é idêntica ao meu pai’. Eu não queria o patrimônio deles, somente o nome do meu pai, por direito, para deixar para meu neto”.

Líder político recebe homenagens pelos 100 anos da Coluna Prestes

/ HOMENAGEM

A Coluna Prestes, movimento de resistência militar realizado em 1924 completa, neste ano, seu centésimo aniversário. A reação foi fruto de um descontentamento dos quartéis pelas más condições de trabalho e pelos rumos políticos de um País governado pelo presidente Arthur Bernardes durante o período histórico conhecido como República Oligárquica.

Gaúcho, o líder político Luís Carlos Prestes, comandou em 28 de

outubro daquele ano o 1º Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo e mobilizou os soldados para uma marcha até o oeste paranaense. Seu objetivo era de se encontrarem com os remanescentes da Revolta Paulista realizada pelo movimento tenentista. A partir de então, a marcha percorreu uma distância de 25 mil quilômetros, atravessando 13 estados brasileiros das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste entre 1924 e 1927, e contando com cerca de 1,5 mil membros. Por este episódio, Prestes ficou conhecido como Cavaleiro

da Esperança.

Prestes nasceu em Porto Alegre, em local até pouco tempo desconhecido. Neste ano, o Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico do RS, identificou o endereço como sendo no número 918 da Rua Riachuelo, no Centro Histórico da Capital. Em homenagem ao centenário, foi colocada na segunda-feira da semana passada uma placa no local. No RS também ocorreu uma homenagem do Tribunal de Justiça Militar do Rio Grande do Sul.

Após o falecimento, o líder político recuperou seu título de Senador e de General da Brigada, cassados durante o regime militar. Também foi lançado um livro sobre a Brigada Militar que trata, entre outros assuntos, da Coluna Prestes.

Além de sua cidade-natal, Prestes foi homenageado em outros locais do País. É por isso que seu descendente Luiz Carlos Prestes Filho tem viajado pelo Brasil para acompanhar agendas comemorativas, incluindo propostas da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) e na do Rio de Janeiro (Alerj).

Quem foi Luís Carlos Prestes

Ficou conhecido como “Cavaleiro da Esperança”. Membro da Aliança Nacional Libertadora, foi perseguido e preso na ditadura de Getúlio Vargas, no Estado Novo (1937 - 1945). Sua companheira, Olga Benário, foi extraditada grávida à Alemanha nazista, onde foi morta. Entre 1946 e 1948, foi senador, mas teve o mandato interrompido pela cassação do registro do PCB. Na ditadura (1964 - 1985), teve seus direitos políticos cassados e exilou-se na União Soviética. Retornou com a Lei da Anistia, de 1979.